

AMÉRICA LATINA

Opinião: Colômbia precisa de paz e não de vingança

Nova versão do acordo com as Farc não passará pelo voto popular, mas pelo parlamentar. Uma decisão acertada, que acaba com o jogo populista em torno da paz, opina a jornalista Astrid Prange.



Astrid Prange é jornalista especializada em América Latina da DW

O presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, aprendeu a lição: ele não voltará a submeter a plebiscito o acordo de paz com os guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Para legitimar o pacto histórico, que visa dar fim à mais longa guerra civil do mundo, desta vez ele buscará "só" a aprovação parlamentar.

Santos tem razão. A mais importante lição do plebiscito de 2 de outubro, que rejeitou por maioria apertada o acordo com as Farc, é: a paz não é algo que se venda facilmente; apelos ao medo ou a sentimentos de vingança, sim.

A segunda lição é que acordos que não se possa explorar politicamente são sem valor. E, como assim é, os partidos políticos gostam de usar plebiscitos para impor a sua interpretação política dos fatos. No plebiscito de 2 de outubro, o ex-presidente Álvaro Uribe conseguiu isso inegavelmente melhor do que seu atual sucessor, Santos.

Na Alemanha Oriental, após o fracasso da revolta popular de 17 de junho, o dramaturgo Bertolt Brecht passou a ser um crítico sarcástico da ditadura do partido comunista SED. Maliciosamente, propôs "Vamos abolir o povo!": o governo deveria dissolver a população e eleger uma nova para si.

À primeira vista, o prêmio Nobel da Paz Juan Manuel Santos poderia ser acusado de estar agindo dessa forma. No entanto, ele não está seguindo o exemplo do autoritário SED. Pelo contrário: com a decisão de submeter o acordo à aprovação do Congresso, e não mais uma vez ao povo, ele impede a manipulação populista num tema essencial para a sobrevivência do país.

Esse é um posicionamento que também vem ganhando relevância crescente na Europa, pois vários políticos estabelecidos na União Europeia caíram na armadilha do populismo.

A estratégia de Santos também é correta porque o acordo de paz é um dever perante as milhões de vítimas da guerra civil, cujas famílias esperam ansiosamente encontrar os restos mortais de seus entes queridos e lhes dar um sepultamento digno, com a ajuda das Farc. Elas querem contrição, não vingança.

Por isso, em sua maioria, as associações de vítimas endossam o pacto negociado entre o governo e os rebeldes, mesmo que ele esteja longe de ser perfeito. Também a maioria da população rural desalojada se posiciona desse lado. No entanto essas vozes só chegam tímidas até Bogotá – ao contrário das dos opositores do acordo, que vivem principalmente nas cidades.

Na verdade, todos os envolvidos deveriam se dar por satisfeitos com o uso político que fizeram das negociações de paz. Santos entra para a história como pacificador; os rebeldes das Farc recebem a chance de um recomeço político; Uribe triunfou politicamente com o "não" do referendo.

No entanto, até mesmo Uribe precisa compreender: não há mais o que ganhar, o jogo político chegou ao fim. A Colômbia precisa da paz mais urgentemente do que nunca. Um acordo melhor do que o que acaba de ser aprimorado não está à vista e nunca vai existir.



COLÔMBIA: CRONOLOGIA DO CONFLITO ARMADO

Longo caminho da violência à paz

As décadas de violentas tensões sociais, que chegam ao fim com o novo acordo de paz na Colômbia, têm origem na luta no campo, que opôs trabalhadores rurais e proprietários de terras desde os anos 1920. As hostilidades se intensificaram a partir da década de 1960.

LEIA MAIS

Onda de violência em meio ao processo de paz na Colômbia

Enquanto governo tenta dar impulso final ao acordo para acabar com o conflito com as Farc, partidários da paz são alvos de intimidação e assassinatos pelo país. Santos diz que, a cada dia sem o pacto, risco aumenta. (24.11.2016)

Colômbia e Farc assinam novo acordo de paz

Texto inclui propostas dos defensores do "não" no plebiscito que derrubou o acordo original e segue agora para aprovação no Congresso. Nova consulta popular é descartada. (24.11.2016)

Dois guerrilheiros das Farc morrem em confronto na Colômbia

Exército colombiano entra em confronto com guerrilheiros, após alerta sobre grupo que estaria extorquindo agricultores e comerciantes. Incidente ocorre apenas quatro dias depois de assinatura de novo acordo de paz. (17.11.2016)

Colombianos voltam às ruas em protesto pela paz

Milhares de manifestantes prestam apoio ao acordo de paz assinado entre governo e Farc, mas rejeitado recentemente em consulta popular. Em Bogotá, colombianos se reúnem na Praça Bolívar para a chamada Marcha das Flores. (13.10.2016)

Santos, o presidente que luta pelo acordo de paz

Após população dizer "não" a pacto de paz com as Farc por estreita margem em plebiscito, presidente colombiano não desiste e procura pôr fim a um conflito que durou mais de cinco décadas e deixou 220 mil mortos. (07.10.2016)

Colômbia: cronologia do conflito armado

O acordo entre o presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, e o líder das Farc, Rodrigo Londono, conhecido como Timochenko, encerra um longo processo de violência e tensões sociais que se estenderam desde os anos 1920. (25.08.2016)

Data 25.11.2016

Autoria Astrid Prange
